
Os discursos sobre os usos da tecnologia no videoclipe *Chained To the Rhythm*¹

Matheus Antonio KRAEMER²
Hilario Junior dos SANTOS³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar através da semiótica discursiva de Greimas o videoclipe “Chained To The Rhythm”, primeiro *single* do quarto álbum de estúdio, “Witness” da cantora norte americana Katy Perry. A análise parte do pressuposto que o videoclipe tornou-se um discurso que difunde pensamentos e ideologias sobre os usos da tecnologia. Além disso, serve como transmissão de valores e informações, mesmo que não explícitos. Neste contexto, foram utilizados estudos bibliográficos como a obra de Barros (1999), Baudrillard (1991), Jenkins (2009) entre outros estudiosos da área.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; discursiva; videoclipe; tecnologia; cibercultura

Introdução

O início das produções audiovisuais dos videoclipes musicais é datado nos anos 1970 com a banda de rock “The Beatles”⁴. Os integrantes do grupo passaram a substituir suas apresentações ao vivo na TV por gravações⁵, e a partir disso, produziram um vídeo promocional para a sua canção “Bohemian Rhapsody”, composta em 1975 pelo cantor Freddie Mercury⁶. A difusão dessas produções desencadeou na expansão dessa mídia de divulgação do trabalho até que, em 1981 com o surgimento da Music Television MTV⁷, esse mercado se fortaleceu e ampliou sua função na indústria fonográfica.

Sendo o videoclipe um produto plural, tem-se buscado cada dia mais trabalhar essas produções como transmissores de informações, que vão além do marketing para a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó-SC, e-mail: matheus.kraemer@unochapeco.edu.br

³ Professor do curso de Jornalismo da Unochapecó, Doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos, e-mail hjs@unochapeco.edu.br

⁴ Banda de rock britânica, formada 1960.

⁵ Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cinema-e-tv/qual-foi-o-primeiro-videoclipe-da-historia/>. Acesso em: 16 mar 2018.

⁶ Cantor e compositor britânico, e foi vocalista da banda de rock “Queen”.

⁷ Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-da-mtv>. Acesso em: 07 abr 2018.

venda do álbum, mas para dar uma identidade ao artista que apresenta a música e, em alguns artefatos, permitir a expressão artística que o audiovisual proporciona. O videoclipe analisado, produzido por uma das artistas mais influentes no gênero musical pop mundial, sugere uma crítica à tecnologia e ao consumo, ao mesmo tempo que faz uso de tecnologia como ferramenta de divulgação do seu trabalho e incentivando o consumo da música como entretenimento. Especialmente quando em tempos de declínio da MTV, os canais de divulgação de videoclipes passam cada vez mais aos meios *streaming*.

Os elementos básicos que constituem a produção são a música, sua letra e as imagens audiovisuais que são ilustrativas. É a partir destes elementos que esta pesquisa se debruça, procurando, através da semiótica discursiva de Greimas, elucidar como operam os signos presentes neste discurso.

Problematizando, o videoclipe está consolidado como uma ferramenta capaz de entreter, informar e despertar o olhar crítico dos espectadores. Através do uso do som e da imagem (e também do silêncio) as produções são construídas com diversos objetivos, desde a divulgação de álbum, a inserção de marcas e produtos, entretenimento, enfim, movimentar o consumo acerca do contexto musical que insere a artista e a música de trabalho. Nesse contexto, o discurso do videoclipe analisado produz significações interessantes, ao mesmo tempo que paradoxais, contrapondo o que como ele comunica com a forma que o faz para tal.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é analisar através da semiótica discursiva os signos apresentados no videoclipe "Chained To the Rhythm" da cantora norte americana Katy Perry visando evidenciar e contextualizar que dilemas podem estar inseridos no nível discursivo da análise em relação, principalmente, com a cibercultura e a sociedade do espetáculo.

Realizado um levantamento geral com termos específicos para apurar as produções já realizadas sobre assuntos deste trabalho, foram constatados os seguintes resultados, utilizando os termos "Katy Perry artigo": tem se publicação de uma pesquisa em 2016 que propõe "Discussões das interlocuções tecnoestéticas entre produtos audiovisuais e cinema, para propor uma análise da narrativa fantástica, futurística e

onírica do videoclipe E.T., de Katy Perry”⁸. Usando o termo “Katy Perry Semiótica”, um resultado trouxe uma análise das capas de cinco álbuns da cantora sob a luz da Semiótica Social⁹.

Katy Perry, figura das mídias

Este subitem consiste em um levantamento de caráter documental que contextualiza a artista que se apresenta no videoclipe. Sua função é situar a cantora como destinadora do texto analisado, evocando seu papel no nível discursivo considerando que artistas musicais inserem-se como personagens de seus discursos, especialmente quando realizados na forma audiovisual do videoclipe. As principais fontes deste levantamento documental são sites noticiosos, bem como o documentário lançado em 5 de julho de 2012 nos Estados Unidos, e em 3 de agosto no Brasil intitulado “Katy Perry: Part of Me 3D”¹⁰. Dos sites constam o “Katy Perry biografia”¹¹, “Portal Katy Perry”¹², “Ebiografia”¹³, além do site oficial da cantora¹⁴.

Katheryn Elizabeth Hudson, nasceu no dia 25 de outubro de 1984 em Santa Barbara, Califórnia, Estados Unidos. Filha de um casal de pastores evangélicos Keith e Mary Hudson, desde criança ouvia músicas evangélicas devido ao âmbito conservador familiar religioso no qual estava inserida. Na adolescência, mudou-se para Nashville, onde assinou o contrato com a gravadora Red Hill Records, subunidade destinada ao público jovem da gravadora norte-americana de gênero musical gospel Pamplin Music, que chegou a lançar o primeiro álbum de estúdio da cantora, mas pelo baixo índice de vendas, teve-se o corte nas produções. Em 2007, assinou contrato com a “Capitol

⁸ Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/viewFile/67803/39621>. Acesso em: 11 abr 2018.

⁹ Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Clarice_Gualberto/publication/321867630_Muito_alem_das_palavras_leituras_multimodais_a_partir_da_semiotica_social/links/5a366694a6fdcc769fd5930d/Muito-alem-das-palavras-leituras-multimodais-a-partir-da-semiotica-social.pdf#page=52. Acesso em: 11 abr 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://www.netflix.com.br>. Acesso em: 16 mar 2018.

¹¹ Disponível em: <http://www.katyperry.com.br/katyperry/biografia/>. Acesso em: 16 mar 2018.

¹² Disponível em: <http://portalkatyperry.com.br/site/historia/>. Acesso em: 16 mar 2018.

¹³ Disponível em: <http://portalkatyperry.com.br/site/historia/>. Acesso em: 16 mar 2018.

¹⁴ Disponível em: <https://www.katyperry.com/>. Acesso em: 16 mar 2018.

Records”, gravadora integrante da multinacional do ramo fonográfico EMI¹⁵, que se destaca por introduzir no mercado artistas de nível mundial como a banda de rock “The Beatles”¹⁶. Influenciada pela mãe, a artista passa a utilizar o nome artístico “Katy Perry”, e em novembro do mesmo lança um EP, intitulado “Ur So Gay”, faixa bônus do álbum “One of the Boys” que seria lançado no ano seguinte. De acordo com dados da Billboard, o álbum já vendeu mundialmente cerca de 4,1 milhões de cópias.

Dois anos mais tarde, a cantora lançou “Teenage Dream” (2010), o álbum que emplacou cinco singles no topo da parada americana Billboard Hot 100. O único artista que já havia realizado isso, foi Michael Jackson com seu álbum “Bad”¹⁷. Com o lançamento de um novo álbum, lançado dia 22 de outubro de 2013, “Prism”, a cantora vendeu a média de meio milhão de cópias mundialmente só na semana de estreia.

Com um leão gigante, tabuleiro de xadrez em 3D, tubarões dançarinos e fogos de artifício, a apresentação de Perry, no intervalo do Super Bowl 49¹⁸, tornou-se recorde de audiência, como o show de intervalo mais assistido na história da televisão americana. De acordo com dados da Billboard, foram 119,2 milhões de telespectadores. Em 2017 teve seu nome grifado no Guinness Book 2017, como a pessoa mais “seguida” do mundo na rede social “Twitter”, são mais de 100 milhões de seguidores. Ainda no mesmo ano, ela disponibilizou uma página com um mapa e coordenadas para os fãs encontrarem bolas de discoteca. Dentro delas havia acoplado a nova música, e que se conectado um fone de ouvido, era possível ouvir cinquenta segundos da sua nova canção “Chained to the Rhythm”. Ao todo, foram vinte três globos espalhados em vários estados dos Estados Unidos, México, Austrália, França, Inglaterra, Nova Zelândia e, até no Brasil.

A canção é o “*lead single*” (primeira música) do quinto álbum de estúdio da cantora, “Witness”, lançado em 9 de junho de 2017. Na ocasião, foi realizado uma transmissão ao vivo no portal da cantora no Youtube, intitulada “*Katy Perry: Witness*

¹⁵ Electric and Musical Industries Ltd, em 2012, foi considerado o quarto maior grupo de gravadoras da indústria musical mundial. Informações retiradas do site disponível em: <https://experience.hsm.com.br/entity/87294>. Acesso em: 11 abr 2018.

¹⁶ O grupo formado por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, fez grande sucesso mundial com suas músicas, principalmente na década de 1960.

¹⁷ Sétimo álbum de estúdio em carreira solo lançado por Michael Jackson pela Epic, 1987. .

¹⁸ Evento que representa a final da liga profissional de futebol americano do Estados Unidos. A apresentação da cantora, ocorreu no dia 1 de fevereiro de 2015 no University of Phoenix Stadium, em Glendale, Arizona.

World Wide”. Uma casa com 41 câmeras e nove quartos possibilitou o mundo todo acompanhar as ações dela ao longo do dia. Café da manhã, almoço, filme da tarde, terapia emocional e até mesmo jantares com estrelas internacionais como o apresentador da série “Rupaul's Drag Race”, Rupaul. O “BBB Katy Perry”, segundo a Billboard, foi assistido por 49 milhões de espectadores de 190 países, durante 96 horas de duração.

Referencial bibliográfico

O termo "pós-modernidade", utilizado para designar diferentes fenômenos sociais, na visão de alguns autores, como Lyotard e Baudrillard, surge como uma nova fase para a modernidade que terminou no final do século XX. A modernidade tem por características a produção em larga escala, avanços no transporte e a revolução industrial. O sociólogo e escritor polonês Zigmunt Bauman (2000) define como um movimento intelectual “talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história”. Na reflexão do autor, modernidade se define como a sociedade dos produtores, e segue uma lógica racional para as relações, além de acreditar que o moderno estava caminhando para alguma coisa, ou algo, sentimento contrário que se tem com o “Pós-Moderno”.

Após a queda do muro de Berlim em 1989, cidadãos das duas partes de Berlim passaram a conviver no mesmo contexto, ou seja, tem-se a unificação dos povos e o fim trágico às utopias socialistas. Se a primeira fracassou na ideologia, é natural o surgimento de algo novo que se conecte com o seu contexto.

Na fase pós-moderna, o tempo e espaço são comprimidos. A produção dos processos torna-se praticamente instantânea. Jean-François Lyotard (2004) define esse novo período como a recusa de narrativas longas sobre as coisas. Há de se pensar também que nessa fase existe um alto investimento na liberdade do ser humano.

Com a revolução industrial tem-se ampla disposição de produtos e um fácil acesso de aquisição. A sociedade se apropria disso e passa a encarar produtos como descartáveis e voláteis. Na visão de Bauman (2000), as relações tornaram se líquidas, dissolvidas e de incertezas. A sociedade pós-moderna está em estado de

experimentação, trata-se de um momento de vivência da "Pós-modernidade" e não de distanciamento como em outras fases. Em "A sociedade do consumo", de 1970, Baudrillard direciona a sociedade do consumo com a comunicação, e na visão do autor, os meios de comunicação de massa produzem uma releitura do cotidiano e, através disso, proliferam-se os signos. O pensamento do autor conversa com ideias fundamentadas na "Sociedade do espetáculo" de Guy Debord (1997), em sua "relação social mediatizada entre pessoas por imagens".

Outra obra de Baudrillard (1981) revela que a sociedade atual, substitui a realidade por meio de símbolos, significados e signos, ou seja, o ser humano viveria uma simulação da realidade. Segundo a obra, a vivência dessa simulação da realidade, é difundida na pós-modernidade, pela mídia. Desse modo, surgem simulacros e simulações a partir do real, que "atraem mais espectador do que o próprio objeto que está sendo reproduzido". Sob a visão do autor, as pessoas acreditam que são donas de suas vidas, entretanto através de um cenário ilusório. Além disso, o filósofo, comenta que ocultar algo como a realidade tem impacto para a compreensão de nossas vidas. "Os desejos, os projetos, as exigências, todas as paixões e relações abstratizam-se". (BAUDRILLARD, 2006, p. 207).

Manuel Castells (2011) apresenta a ideia que estamos na sociedade em rede¹⁹. A hegemonia tecnológica da informação. Acrescenta-se neste viés, a fase cultura da conectividade. Sob a visão dos estudos culturais dos anos de 1960,²⁰ a cultura pode ser compreendida e ligada ao comportamento humano, nas ações do cotidiano, com ritos e práticas sociais. Indivíduos influenciados pelos significados em seu contexto. Tendo isso em vista, o no meio que estamos inseridos o sujeito hoje baseia suas relações do cotidiano nas relações tecnológicas. As relações mudaram, tudo mudou.

Com o surgimento da internet o modo de socialização do ser humano se potencializou e expandiu. Pode se dizer que o "virtual" não substituiu o "real", mas multiplicou a utilização. Vivenciamos hoje, uma sociedade midiática, digital. As

¹⁹ MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 275-297

²⁰ Informações retiradas disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf.

Acesso em: 14 abr 2018.

tecnologias, passaram a ser uma extensão do nosso corpo, como prenunciava McLuhan (1964), em seu livro “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”.

A partir da visão de Jenkins (2009) quem recebe a mensagem tem um papel fundamental nas escolhas dos conteúdos que pretende “consumir”. As redes sociais *on line* são uma evolução das redes *off line*, e a expansão das mídias sociais interativas e imersivas aproveitaram a popularização do uso da internet e das tecnologias móveis como os telefones celulares, smartphones e computadores portáteis para se difundir cada vez mais.

A interação de milhões de pessoas de todos os horizontes influencia no surgimento de uma nova cultura formada pela integração de várias culturas, mediada por ferramentas tecnológicas. O universo virtual criou novos valores, além de novas formas de pensar e agir.

A cibercultura instaura assim uma estrutura midiática ímpar (com funções massivas e pós-massivas) na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (LEMOS, 2003 *apud* LEMOS, 2007, p. 125).

Sob a influência das tecnologias a comunicação está difundida em todo o mundo. O rádio, criado em 1896, pelo físico e inventor italiano Guglielmo Marconi, revoluciona a comunicação à distância. Através das ondas sonoras a voz humana é transmitida e possibilita um novo espaço de captação da informação. A criação da televisão veio somente por volta de 1923. A partir disso, se viveram momentos de incertezas, em que, muitos acreditavam que o surgimento da televisão acarretaria no desaparecimento o jornalismo escrito ou apenas falado. Grande equívoco, pois essas invenções apenas contribuíram para o desenvolvimento de uma ferramenta que englobasse tudo isso, a internet.

No final da década de 90 o acesso a internet expandiu, fator que atraiu atenção de investidores e contribuiu para a difusão desse meio. Diante dessa nova realidade digital, a internet tem como um de seus aspectos principais, a mundialização dos conteúdos, uma vez que, seus conteúdos tem alcance mundial, além de potencializar a produção de diferentes conteúdos como o entretenimento em diferentes plataformas.

Semiótica

Grobel (2014), revela que desde os primórdios da humanidade a linguagem e sua função simbólica esteve presente, mesmo quando o homem ainda não tinha domínio completo da fala e da escrita. Através da arte rupestre, por exemplo, o homem pré-histórico foi capaz de transmitir informações entre si, no intuito de garantir sua sobrevivência. Os desenhos nas cavernas possibilitam a troca de ideias entre si além de evidenciar algo real, uma representação. Heidi Strecker (2006), apresenta que as primeiras concepções envoltas nesse tema surgiram ainda na Grécia Antiga, em que gregos acreditavam que uma realidade se constitui a partir de outra. Platão e Aristóteles são considerados precursores do debate, mas com ideias distintas. Já na Idade Média, Santo Agostinho apresenta dois tipos de signo: signos naturais e convencionais (FERNANDES, 2011, p.165). Para Agostinho, os signos naturais são produzidos naturalmente sem a intenção de formular algo que representasse outras coisas. Os signos convencionais se apresentam como a troca mútua de sentimento.

Aristóteles, mostra um bom exemplo em “A República”, por meio do mito da caverna. A obra revela a relação estabelecida pelos conceitos de escuridão e ignorância, luz e conhecimento. Dessa maneira, a oposição da realidade e da linguagem são destacados. Neste conceito o instrumento permite aos homens caminhar lado a lado da verdade e estabelecer o pensamento crítico. Lúcia Santaella (1983), sob o olhar da semiótica de Peirce, apresenta a semiótica como uma ciência geral de todas as linguagens que estuda os signos e as energias envoltas. O nome “semiótica” vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*. [...] Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem.” (FERNANDES, 2011, p.167)

Existem conceitualmente algumas correntes da Semiótica, como é o caso da Americana e da Francesa, por exemplo. O filósofo e cientista Charles Sanders Peirce, estudou e constituiu através do signo o estabelecimento da semiótica americana. Na visão de Peirce, a semiótica se constitui da experiência no contexto e através das tríades (como Primeiridade, Segundidade e Terceiridade, por exemplo) que são constituídas de sua teoria. A semiótica do discurso, mais influenciada pela linguística e semiologia da

Europa, aborda a construção e compreensão do seu objeto tendo o texto como forma privilegiada de análise. Algirdas Julius Greimas, linguista lituano, incorpora a semiótica sob a luz de questões relevantes para sua apreensão e constitui a partir de si a semiótica francesa.

Coleta e análise

A canção do videoclipe conta com a participação do cantor jamaicano Skip Marley, neto do também músico de Reggae, Bob Marley. A música é composta por ambos os cantores, em parceria com Sia Furler, Max Martin e Ali Payami, sendo produzida por Martin e Payami.

Ambientado em um parque de diversões, o videoclipe traz Katy cercada por pessoas com roupas que remetem à década de 1950, mas com tecidos sintéticos e recortes futurísticos. Brinquedos como “sonho americano de uma vida perfeita”, "love me" e uma ousada montanha russa que é bombardeada por reações do facebook compõem a narrativa. O videoclipe também é repleto de pessoas caminhando como robôs, todos no mesmo sentido e se divertindo a todo momento, apesar do compasso "robótico". Katy tem como participante importante da narrativa Skip Marley, quando este sai de uma grande tela de televisão e a convida a cantar e protestar. O visual do rapper não condiz com o restante dos participantes e mesmo da cantora.

O texto reúne figuras para construir as suas configurações, e cada ponto no videoclipe pode ser entendido como uma mensagem. Neste sentido, através da aplicação do percurso gerativo do sentido (simulacro metodológico da semiótica discursiva) o texto precisa ser examinado por três níveis com abordagens específicas: nível fundamental, nível narrativo e o nível das estruturas discursivas.

Nível Fundamental

No nível fundamental apresenta-se uma oposição semântica. Nesta fase determinam-se as categorias fundamentais para a construção do "quadrado semiótico".

No início do videoclipe, Katy Perry se ambienta em um parque de diversões colorido e animador. No decorrer da narrativa a personagem criada por Perry se aproxima de uma cerca branca repleta de rosas vermelhas, com o intuito de cheirá-las. O resultado desta cena é o despertar dela quando perfura seu dedo com os espinhos apresentados visualmente como “arame farpado”. Tem se então o despertar.

Liberdade	<i>contrariedade</i>	Controle
<i>complementaridade</i>	<i>contradição</i>	<i>complementaridade</i>
Não Controle	<i>contrariedade</i>	Não Liberdade

Figura 1: Quadrado semiótico no nível fundamental da análise.

Fonte: Dados primários (2018).

Na figura 1 tem-se representado o quadrado semiótico que aloca as diferentes concepções que o principal discurso do objeto de análise evidencia (Liberdade X Controle), além das relações que estes mantêm entre si (contrariedade, complementaridade e contradição). Quando se escolhe por uma palavra ou objeto de representação, leva-se consigo um significado, que sob o olhar sa semântica leva um sentido diferente de oposição. No videoclipe analisado o conceito de liberdade, remete ao ato de agir de acordo com a sua própria vontade. Já o conceito controle, dá a entender sobre imposição de repressão de pensamentos e ações. Katy, desde o nome da canção, apresenta indícios de que está acorrentada em algo e precisa se libertar. Há de ser pensado se essa analogia é em relação a música, ao ritmo, ao parque ou as tecnologias. Desta forma, o movimento da narrativa se dá do conceito de "não-controle" (quando a busca por entretenimento seria uma atividade livre), passando pelo conceito de "controle" (quando revela-se uma espécie de função do parque em manter as pessoas vinculadas ao entretenimento do mesmo) e chegando, por fim, ao conceito de "liberdade" (quando a personagem principal aparenta ter uma revelação da sua condição de controle).

Nível Narrativo

O discurso narrativo é materializado por programas narrativos de estado e de ação entre actantes, especialmente sujeitos e objetos. Nesse ponto, segundo Barros (2005), é analisado a narrativa do ponto de vista de um sujeito, tido como protagonista de uma performance, bem como a identificação de um ou mais objetos de valor que este protagonista quer ou precisa em sua performance. Katy Perry, é considerada um sujeito principal da narrativa, e a partir disso está a procura de esclarecimento, como objeto de valor. O rapper Skyp Marley é entendido como um sujeito actante que "ajuda" a performance, auxiliando no acesso ao objeto de valor. A partir do momento que Katy assiste a televisão e escuta o chamado de Skyp, no qual o cantor fala sobre “Derrubar as barreiras, para se inspirar”, ela tem mais um incentivo que a força contra o fluxo da "corrente do ritmo".

O parque de exposição também pode ser entendido como um sujeito, entretanto, não há indícios sobre quem está sob o comando desse lugar e, com isso, não sabemos seus objetivos com o parque. Desta forma, descrevemos o principal programa narrativo deste discurso da seguinte forma:

$$PN: S2_{Skyp} \rightarrow (S1_{Katy} \cap O_{Esclarecimento})$$

Neste programa narrativo, o sujeito Skyp age sobre o sujeito Katy para colocá-la em conjunção com o objeto de valor que ela quer/precisa, no caso, o Esclarecimento.

Nível Discursivo

O discurso tem autonomia de interpretar os signos e representações evidenciados nos níveis anteriores. De acordo com uma leitura geral discursiva, o parque de diversão temático nos anos 1950 consiste em uma ilusão coletiva em que as pessoas visitam quando para divertirem-se com os seus sonhos de consumo e culto a imagem que estas produzem. Indiretamente, seria uma da “fuga da realidade” permitindo, inclusive, às pessoas “dançarem até esquecerem dos problemas”. O sonho americano do parque de diversões já sugere a ideia de fuga, quando se nota o nome do mesmo - “Oblivia”, do

latim esquecimento²¹, que se relaciona com Platão, em seu livro “A República” (1999), em que o filósofo, apresenta o texto “Alegoria da Caverna”. Na concepção do autor os seres humanos vivem em uma caverna, onde estão acorrentados e condicionados a vislumbrar/admirar apenas as sombras oriundas de uma fogueira que eles mesmos não conseguem saber a origem.

Platão ilustra a hierarquia das formas do ser e a conversão ao inteligível: os habitantes de uma gruta, prisioneiros acorrentados desde sempre, de costas para a entrada, percebem no fundo as sombras projetadas pelos objetos levados pelos homens que passam pelo lado de fora, e tomam essas sombras por realidades (BARAQUIN, 2007 apud Matos, 2011, p. 69).

Neste contexto pode se relacionar o videoclipe em que diferentes pessoas aparecem registrando *selfies*, obcecados em seus celulares e redes sociais, esquecendo um universo fora do mundo do parque, o que pode ser entendido como a realidade, ou mesmo o mundo *off line*. O discurso faria, assim, uma crítica ao sonho de vida americano e ao modelo de vida perfeito, como no brinquedo “The Great American Dream Drop”, em que várias casas em tons pastéis são levantadas por um brinquedo conhecido como “chapéu mexicano”. Além de se relacionar com o processo mecânico e industrial, pode ser compreendido como uma crítica ao exclusivismo, sugerido inclusive no atual governo de Donald Trump nos Estados Unidos, que sugere a separação dos cidadãos americanos das demais culturas. Ao lado da casa para completar o cenário, existe uma cerca branca, rodeada de rosas vermelhas, e a Katy resolve sentir o perfume das flores e acaba se perfurando com os espinhos, neste momento existe uma ruptura, iniciando o despertar da personagem.

Na continuidade ela está na montanha russa, brinquedo que passa através de um túnel bombardeado de reações do Facebook e que também separa de um lado homens e do outro mulheres, no meio tempo do passeio, pessoas seguem o fluxo da fila para entrar no roda. No final do passeio do brinquedo Katy, que representa a personagem “Rose”, recebe uma nota inferior ao homem sentado ao seu lado. Também no final da pontuação aparece escrito a frase “Love Me”, que dá a entender que a vida se resume em *likes* e adoração de seguidores.

²¹ Informações retiradas do site: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=oblivia>

É possível ver alguém oferecendo algodão doce em formato de bomba atômica para a artista. O objeto é muito semelhante ao formato da fumaça da explosão da bomba atômica de urânio, lançada sobre Hiroshima em 6 de agosto de 1945. A próxima cena se ambienta em um posto de gasolina nomeado de “Inferno”. Ali, a personagem e algumas pessoas degustam de uma bebida em chamas, sugerindo a festa que se faz sob o uso do etanol, que influencia fortemente a economia mundial. A roda está de volta, assim como na letra, mas dessa vez pessoas aparecem correndo. Negros e asiáticos são os únicos que não conseguem se manter em pé. Katy, agora com outra roupa, no tom mais escuro, se une ao grupo de pessoas para assistir a grande tela. Todos parecem seguir um padrão, referência ao livro “1984” de George Orwell, em que a alienação é muito contundente. De dentro do televisor Skyp Marley sai e, entre outros versos, canta: “Lá em cima em seus postos, mentirosos. O tempo está acabando para este império. A verdade que eles alimentam é vazia”, sugerindo o tom de questionamento à ordem social imposta.

Katy se vê na grande roda depois de esperar na fila. Esta roda lembra o artefato colocado em gaiolas para hamsters se divertirem enquanto estão enclausurados em seu aprisionamento. O videoclipe se encerra com a personagem, aparentemente, despertando, entendendo ou alcançando o esclarecimento, se desgarrando da "corrente" e percebendo que todos estão acorrentados ao ritmo. O título do single talvez não seja somente uma referência ao ritmo da música, mas também ao ritmo da tecnologia da vida, do consumo e da sociedade do espetáculo. Há, também, uma grande relação com os grilhões do Mito da Caverna de Platão, em que as pessoas presas na caverna não poderiam se mover pois estavam presos. Uma leitura da alegoria da caverna é da representação da condição humana de aprisionamento e adoração de sombras que fogem à realidade fora da caverna. O parque representaria esta caverna, onde os brinquedos, a beleza aparente dos vestuários e a aparente alegria deste dia ensolarado representam os grilhões da caverna e Skyp o sujeito da alegoria que sabe de algo da realidade e tenta acordar as pessoas em transe pelas sombras, evidenciado pela cena do cinema ao ar livre.

Considerações finais

A canção carrega com si mecanismos e figuras que podem ser compreendidos como mensagens. Através da aplicação do percurso gerativo do sentido (simulacro metodológico da semiótica discursiva) o texto foi analisado por três níveis. Neste contexto, é possível notar indícios da evolução da personagem durante o decorrer da narrativa, ganhando movimento, e criticidade. A liberdade e a não liberdade, são pontos importante neste debate. Em síntese, esse ritmo tanto falado na música, não é somente sobre a música, dá a entender sobre ritmo do sistema, que nos aproxima da tecnologia e nos torna refém, acorrentados a ela.

Referências bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**, 1999. Editora ática.

BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

_____. Zygmunt. **A liberdade**. Tradução M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1989

_____. Zygmunt. (1998). **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar.

BAUDRILLARD, Jean (2008). **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70.

_____. Jean. **Simulacros e simulação**. Portugal: Relógio D'Água, 1991

_____. Jean. **O sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede . A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEBORD, Guy. **Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, J. D. C. **Introdução à semiótica**. In: ALDRIGUE, A. C. de S.; LEITE, J. E. R. (Org.). *Linguagens: usos e reflexões*. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, v. 8, p. 159- 185. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf>

GROBEL, Maria Cecília Blumer; TELLES, Virgínia Lúcia Camargo Nardy. **Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e a evolução da autenticidade documentoscópica**. Revista Acadêmica Oswaldo Cruz. São Paulo, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Ed. Aleph, 2008

LEMONS, André. **As estruturas antropológicas do ciberespaço**. In: *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MATOS, Lucas Pereira. **A alegoria da Caverna e seu mito hoje**. Revista Pandora Brasil – Número 34, Setembro de 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.

McLUHAN, M. 1964. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understandingmedia). São Paulo, Editora Cultrix.

SANTAELLA, L. (1983). **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense.

SOARES, T. **A Construção Imagética dos Videoclipes: Canção, Gêneros e Performance na Análise de Audiovisuais da Cultura Midiática**. Tese (Doutorado em comunicação e Culturas Contemporâneas) Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.